

Guia

PREPARA ENEM

LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS

"Esquecer é uma necessidade. A vida é uma lousa, em que o destino, para escrever um novo caso, precisa de apagar o caso escrito."

Machado de Assis

EDITORIAL



OSCARINA NASCIMENTO
Diretora de Ensino do COPE - Ensino Médio

A educação perpassa minha vida. Há cerca de 40 anos, dedico-me ao que considero um dos projetos mais significativos na construção da consciência e da dignidade humanas: participo da jornada diária para educar e instruir inúmeros jovens que se empenham em moldar sua cidadania.

Boa parte deles e eu partilhamos da mesma certeza já proferida por Nelson Mandela: se há uma arma poderosa que podemos usar para mudar o mundo, ela se chama educação. Assim, com essa premissa, sigo empenhada em compartilhar com os alunos o instrumento do saber para que possam edificar seu futuro. Minha contribuição, humilde, soma-se a tantas outras, de tantos outros profissionais dedicados ao ofício, no intuito de garantir ao corpo escolar a estrutura necessária para sedimentar o conhecimento. Mas essa missão, por mais libertária e honrosa que seja, não é fácil.

EDUCAR É COMPROMETER-SE

Vivemos em uma época na qual informação e conhecimento equivocadamente se confundem. A escola deste tempo é posta em descrédito, por inúmeros motivos, e precisa se reinventar em virtude dos desafios cotidianos, em virtude de uma juventude inquieta e hipertecnológica, em virtude de um mundo cada vez mais fugaz. Mais do que nunca, em um cenário complexo como esse, é imperioso que se reitere esta certeza: só existe educação onde há comprometimento.

É por crer nessa ideia que sigo educadora. Ao longo desses quarenta anos, vi o cenário educacional sofrer inúmeras modificações, como a transformação do primeiro e segundo graus em ensino fundamental e médio, bem como a solidificação de um vestibular nacional, que é o ENEM. Vi o cenário educacional se deteriorar em muitos aspectos, reerguer-se em tantos outros. Mudanças, é fato, ocorreram, mas, no saldo entre ganhos e perdas, sigo convicta de que comprometimento é fundamental para que a escola, em seu sentido maior, seja o espaço educativo por excelência.

E por que defendo o compromisso pela educação? Porque a conheço. Porque a vivencio. Lembro-me de meu início de carreira, no ensino público do estado. Por lá, entre o final da década de 1970 e início dos anos 1990, transitei entre os cargos de professora, coordenadora, vice-diretora e por fim a função de diretora, eleita pela comunidade escolar. Também concursada na rede municipal de Goiânia, em 1985, exerci a função de professora. Isso me permitiu conhecer o processo como um todo, em sua complexa dimensão. Da experiência no ensino público, fica-me a maturidade para encarar desafios e para compreender que o terreno do saber é fértil, contudo, precisa de cultivo – diário, cuidadoso e dedicado.

Ao mesmo tempo em que me enriqueci com a experiência do funcionalismo público, pude ampliar meu olhar sobre a educação ao experienciar o ensino privado a partir dos anos de 1980, jornada que sigo ainda hoje. Inicialmente como professora e coordenadora de relevantes instituições particulares da cidade e, agora, como diretora do COPE, vejo como a mediação do conhecimento segue um desafio complexo na contemporaneidade. Mais do que buscar resultados e aprovações, a escola de nosso tempo precisa atentar-se ao aluno com o qual convive, inculcando nele valores, não apenas conteúdos. Precisa lembrar que lida com o humano, que destina à sociedade cidadãos que, certamente, enfrentarão desafios para serem profissionais exemplares.

Isso é o que me motiva a pegar nas duas pontas do processo, pois, como diretora, relaciono-me com o ensino básico, com a formação de alunos no ensino médio. E como docente da PUC Goiás, há mais de 30 anos, tenho contato com o ensino superior, que prepara o jovem para a vida adulta e a sua plena imersão no mercado de trabalho. Muitos me indagam sobre por que sigo tão atuante, já que poderia me dedicar à vida privada, aproveitando meu tempo em casa, após a chegada de minha aposentadoria. Não me vejo nesse papel. Ele não me cabe. O que cabe em mim é um propósito maior porque sinto a educação como o elo entre a existência e o sentido da vida.

Se a educação é assim tão importante para dar à existência sentido e direção, não é possível agir no espaço escolar de forma descompromissada. O compromisso com a educação, é, nesse contexto, uma urgência e a garantia de que a escola siga formando cidadãos éticos e atuantes. Nesses quarenta anos, esta foi e é minha crença. O compromisso com a escola é a minha missão.

SAIBA QUAIS SÃO OS ASSUNTOS MAIS COBRADOS NO ENEM NA PROVA DE

LINGUAGENS E CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS

CONTEÚDOS MAIS ABORDADOS (2009 - 2018)



A RECEITA DE EZRA POUND

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DO TEXTO POÉTICO. E AGORA?

Nos anos de 2016, 2017 e 2018, o candidato enfrentou, na competência de linguagens e suas tecnologias, nada menos que oito textos poéticos, distribuídos ao longo de diferentes áreas do conhecimento e nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola.

Por isso, preparamos para você, estudante, um guia de como enfrentar o texto poético e se sair bem na competência de linguagens!

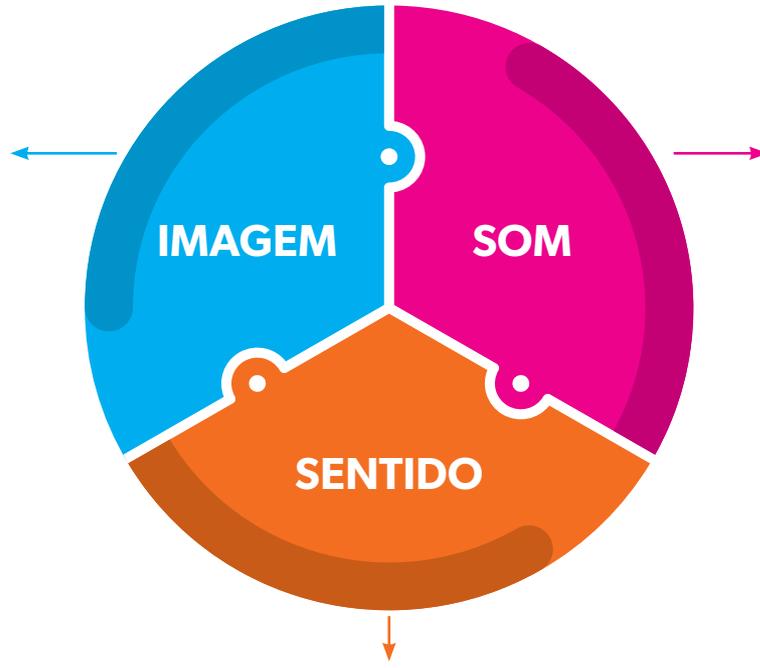
IMAGEM / SOM / SENTIDO – A “RECEITA” DE EZRA POUND

DICAS DE OURO:

1. Leia o poema uma vez e vá ao comando da questão. Mesmo que você não consiga ter um entendimento completo do texto, o enunciado deverá guiar sua leitura interpretativa.
2. Ao invés de procurar o sentido lógico de cada palavra do poema (um poema às vezes não segue a lógica convencional), procure pensar o poema como a junção de três grandezas, como pensou o poeta estado-unidense Ezra Pound.

Segundo a psicanálise, nosso inconsciente se organiza através de imagens, assim como nossos sonhos. O poema funciona de forma similar ao inconsciente, pois “conecta” através da **analogia** e da **metáfora** objetos e imagens afastados, no mundo real, como “flor” e “mulher”, “luz” e “Deus”, “noite” e “morte”. A imagem é quase sempre a mais forte expressão do poema. E muitas vezes trabalha próxima do ilogismo, forçando um ilogismo **semântico**, como nos versos de Drummond:

[...]
a lua irônica
diurética
[...]



Na mitologia grega, Orfeu, portador da lira de Apolo, é o primeiro poeta e músico do ocidente. Poesia e música, estão, portanto, juntas desde a sua origem, embora tenham se separado (nunca por completo) ao longo da história. A alternância entre sílabas fortes e fracas (**ritmo**), a quantidade de sílabas nos versos, a presença ou ausência de isometria (**métrica**), bem como as assonâncias (repetição de vogais) e aliterações (repetição de consoantes) ou rimas (**sonoridade**), transformam o poema em uma sinfonia de fonemas. O poeta, muitas vezes, como no caso dos simbolistas, está mais preocupado com a sonoridade do que com o sentido do poema.

Esta é a parte mais delicada, já que o “som” e a “imagem” afetam diretamente os sentidos que um poema pode adquirir. O mais importante é lembrar-se sempre que um poema pode ter *múltiplos* sentidos, já que sua lógica se baseia na analogia e na ambiguidade, e estes sentidos trabalham para formar uma visão de mundo, ou seja, um **ethos**. Em sua organização **retórica**, portanto, um poema pode defender posições ilógicas ou explorar imagens que digam algo diferente de suas ideias. Um poema que fale sobre a “noite”, por exemplo, pode trazer imagens “diurnas”, assim como um poema que disserte sobre a “morte” pode trazer uma série de imagens vinculadas à “vida”. O importante é nunca se perder de vista que um poema trabalha com a **polissemia**, ou seja, a multiplicidade de sentidos.



Bruno Malavolta
Professor de Literatura



Flávio Brito
Professor de Literatura



Henrique Landim
Professor de Literatura

MÃO NA MASSA: ANÁLISE DE UM POEMA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Áporo

A imagem do “inseto” que “cava” adiciona um conteúdo repulsivo e traumático ao discurso; também pode sugerir a ideia de pequenez, impotência ou sordidez: como alguém que se arrastasse para escapar à sua própria condição de desumanização.

Em meio a muitas imagens herméticas e de difícil interpretação, a imagem clara e explícita de um “país bloqueado” serve de chave para a interpretação do poema: Drummond está efetivamente se referindo ao Estado Novo e à censura, e o “poema bloqueado” espelha o “país bloqueado”. A dificuldade que o pensamento encontra para se mover dentro do poema espelha a dificuldade do pensamento em se mover dentro de regimes ditatoriais. Imagem, som e sentido juntam-se, nesse momento, em uma grande epifania poética, com um forte conteúdo de crítica social.

A proximidade das palavras “razão” e “mistério” antecipa que o próprio poeta ignora a forma como se chegará a qualquer solução: tanto o poema hermético quanto a ditadura em que se encontra parecem intransponíveis para a “razão”. O que a razão não resolve, entretanto, é resolvido pelo “mistério” da vida e da natureza.

Em uma cabal demonstração da sofisticação drummondiana, a imagem do inseto “perfurando” a terra relaciona-se diretamente o ritmo quebrado do poema: seus versos curtos dão a impressão de que o poema afunda, sem entretanto se chegar a local algum. Isso porque, no plano do sentido, “Áporo” é um poema hermético, de difícil compreensão. É como se o poema fosse o próprio inseto que descreve, escavando um enigma, sem ruído, mas também sem objetivo.

O uso da palavra “labirinto” confirma que Drummond visa antes a obscurecer os sentidos do poema do que os clarear.

A cor “verde” cria uma imagem de “vida” e de resistência, em meio à ausência de colorido que impera no poema, marcado pela cor terrosa, que sugere desumanização.

Drummond novamente deixa claro que a “razão” euclidiana, matemática, não é capaz de explicar os fenômenos sociais. O “país bloqueado” está preso dentro de um enigma, uma aporia, ou seja, um regime totalitário. Contra a lógica e a razão, a arte e a vida são capazes de resolver traumas através da reelaboração simbólica.

Um inseto cava
cava **sem alarme**
perfurando a terra
sem achar escape.

Que fazer, **exausto**,
em **país bloqueado**,
enlace de **noite**
raiz e minério?

Eis que o **labirinto**
(oh **razão**, **mistério**)
presto se desata:

em **verde**, sozinha,
antieuclidiana,
uma **orquídea** forma-se.

Levando-se em consideração que este poema pertence a “A rosa do povo”, livro publicado em 1945, durante a Era Vargas, podemos inferir que o fato de o inseto cavar “sem alarme” sugere a tentativa de driblar a censura da DIP – o Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão de censura do Estado novo.

A imagem de insolubilidade do último verso da primeira estrofe faz uma pausa no andamento discursivo, dando a impressão de exaustão: o sentimento de angústia aumenta ainda mais quando se considera que o poema não propõe solução alguma a suas imagens e impasses.

A imagem da exaustão confirma a hipótese de que o ritmo sugere um “esgotamento” físico e mental do eu-lírico.

“Noite”, “raiz” e “minério” são um perfeito exemplo de como o poema opera através do pensamento analógico, ou seja, aproximando imagens em busca de um sentido comum. A “noite” reflete a porosidade e o diálogo, mas também a morte e o mistério; “raiz” traz o sentido da vida, mas também do inconsciente traumático e do subterrâneo; “minério”, por sua vez, está ligado à frieza e à técnica, podendo remeter a armas e a imagens bélicas, e pode também ser uma reminiscência pessoal do poeta, nascido em Itabira-MG, cidade cuja economia se assenta sobre a mineração. A intenção de Drummond, ao unir tais imagens, não é a de esclarecer o sentido do poema, mas sim o de criar um “enigma”, adensando o sentido de insolubilidade proposto pelo título.

Contra todas as expectativas, o “nó” do poema se desfaz “rápido”, sugerindo espontaneidade.

A orquídea, aqui, simboliza a vida, mas também o enigma da vida: uma planta de aspecto enigmático, que brota em lugares improváveis. Sua estrutura fractal, labiríntica, por vezes com poucas flores e pouco colorido, reflete a dificuldade do próprio poema em brotar, assim como da liberdade em brotar sobre um regime autoritário. Observemos, aliás, que o poema possui a estrutura de um soneto: um poema de elaboração complexa, rígida e meticulosa, espelhando, portanto, a complexidade da orquídea. A imagem final é de esperança: a flor que dialeticamente surge da negação da vida é uma imagem final comum nos poemas do livro “A rosa do povo”.

Segundo o dicionário Houaiss, “áporo” é sinônimo de “aporismo”, “problema [matemático] cuja solução é considerada impossível.” O título complexo gera uma expectativa de entendimento que, entretanto, será frustrada pela leitura do texto, já que o poeta não explica, senão complica ainda mais, o sentido já quase impenetrável do título

IMPLÍCITOS

A comunicação verbal é capaz de produzir significados que vão além daquilo que foi explicitamente dito. Muitas vezes, em uma ironia, em um texto literário, o entendimento das “entrelinhas” é que permite uma compreensão consistente do texto proposto. Em geral, a linguística divide os implícitos em “pressupostos” e “subentendidos”.

PRESSUPOSTO

O pressuposto é um significado implícito veiculado por meio de uma palavra ou expressão.

Exemplo:

I. Letícia continua bonita.

Na frase acima, percebe-se:

- um significado explícito: Letícia é bonita.
- um significado implícito: Letícia era bonita.

Aqui, o sentido implícito foi acrescentado pela forma verbal “continua”. De qualquer forma, é claro que a conversa só evoluirá se o interlocutor (a pessoa com quem se fala) concordar com o pressuposto (Letícia era bonita).

Muitas vezes, também, o pressuposto é usado como forma de dizer uma coisa para fazer entender outra.

Veja o exemplo:

I. Acabei de ver João e sua amante no teatro.

- Significado explícito: Eu vi João no teatro e ele estava acompanhado pela amante.
- Significado implícito: João possui uma amante.

A expressão “sua amante” adiciona uma informação que o interlocutor possivelmente desconhecesse.

Provavelmente, a intenção do emissor, desde o início, era dizer que João tinha uma amante. Aí, ele diz uma coisa para fazer entender outra; ou seja, o emissor, para não se passar por “fofoqueiro”, faz uma fofoca implícita.

Isso é muito comum na oralidade cotidiana; o emissor finge que o interlocutor já conhecia a informação implícita e depois vem com aquele “papiinho”: “Eu não acredito! Você não sabia!?” ou “Desculpa! Eu não devia ter falado!”.

Em muitos textos argumentativos, o pressuposto é usado para “manipular” o interlocutor.

Observe:

- I. Nesta cidade, os empregos cresceram ainda mais neste ano.
 - Significado explícito: Nesta cidade, os empregos cresceram.
 - Significado implícito: Nesta cidade, os empregos cresceram nos anos anteriores.

A expressão “ainda mais”, nesse caso, é a responsável pela pressuposição. Na frase, há um esforço para fazer o interlocutor acreditar em uma informação que pode não ser verdadeira. Assim, o emissor, pressupondo ser verdade que os empregos cresceram nos últimos anos, procura convencer a respeito de algo que ele, possivelmente, não possa provar.

Em geral, os linguistas agrupam as situações pressupostas nos seguintes casos:

a) Verbos factivos (pressupõem a verdade)

Exemplo:

- I. Ele **sabe** que você mentiu. (Pressupõe-se que seja verdade que você mentiu.)

b) Verbos subjetivos (Introduzem um julgamento de valor)

Exemplo:

- I. Ele **confessou** o crime. (Pressupõe-se que ele seja culpado.)

c) Verbos ou marcadores aspectuais (Pressupõem que anteriormente havia um processo)

Exemplos:

- I. João **continuou** estudando. (Pressupõe-se que João estudava anteriormente.)

II. João **parou** de estudar. (Pressupõe-se que João estudava anteriormente.)

III. João não viaja **mais**. (Pressupõe-se que João viajava anteriormente.)

d) Nominalizações (Expressões que não possuem verbo)

Exemplos:

I. **A fé dos brasileiros** é o que anima. (Pressupõe-se que os brasileiros tenham fé.)

e) Descrições definidas (Pressupõem a existência de um referente correspondente)

Exemplo:

I. **O primo de João** passou no vestibular. (Pressupõe-se que João tenha um primo.)

f) Epítetos não-restritivos (Pressupõem que a qualidade era conhecida)

Exemplo:

I. O artigo jornalístico relatou o **duvidoso** talento daquele artista. (Pressupõe-se que o artista, possivelmente, não seja talentoso.)

g) Interrogativas parciais

Exemplo:

I. **Quando** João passou no concurso? (Pressupõe-se que João tenha passado no concurso.)

h) Utilização de pronomes relativos

Exemplo:

I. Os alunos **que** estudam passarão no vestibular. (Pressupõe-se que existem alunos que não estudam.)

- Mais importante do que memorizar os casos acima, é exercitar sua capacidade de identificar (mesmo sem classificar) termos que veiculam significados pressupostos.

SUBENTENDIDO

O subentendido é um implícito que só pode ser entendido por meio da compreensão do contexto.

Exemplos:

- I. Em um dia ensolarado, o carteiro, depois de subir a ladeira empurrando sua bicicleta, bateu à porta. Uma senhora sorridente apareceu; ela demonstrava estar ansiosa pela encomenda. Enquanto assinava o recibo, ouviu o carteiro:
 - Nossa! Está muito calor lá fora!
- II. O rapaz disse:
 - A bolsa está pesada, minha senhora?

No primeiro exemplo, o porteiro, em sua fala, parece, implicitamente, sugerir que a senhora ofereça-lhe água. É claro que essa sugestão implícita não pode ser percebida por meio de uma palavra ou expressão. Foi o contexto, apresentado anteriormente, que permitiu entender o que ficou “escondido”.

No segundo exemplo, não foi apresentado um contexto; por isso, é necessário imaginar o possível implícito sugerido pelo rapaz. São várias possibilidades:

- Pode ser que o rapaz esteja oferecendo-se para carregar a bolsa da senhora.
- Pode ser que o rapaz queira saber se a bolsa é resistente.
- Pode ser que o rapaz esteja preocupado com um possível problema que a senhora tenha na coluna.

É claro que, cotidianamente, a primeira possibilidade é a mais provável. No entanto, todas elas são possíveis.

O TEXTO NO TEXTO

(Exemplo I)

Leia este texto:

Pressupostos são conteúdos implícitos que decorrem de uma palavra ou expressão presente no ato de fala produzido. O pressuposto é indiscutível tanto para o falante quanto para o ouvinte, pois decorre, necessariamente, de um marcador lingüístico, diferentemente de outros implícitos (os subentendidos), que dependem do contexto, da situação de comunicação.

FIORIN, J. L. O dito pelo não dito. In: Língua Portuguesa, ano I, n. 6, 2006. p. 36-37. (Adaptado)

Observe este exemplo: “João parou de fumar”.

Nesse enunciado, é a presença da expressão “parar de” que instaura o pressuposto de que João fumava antes.

Leia, agora, estas manchetes:

1. Petrobrás é vítima de novos furtos

(O Tempo, Belo Horizonte, 8 mar. 2008.)

2. Dengue vira risco de epidemia em BH

(Estado de Minas, Belo Horizonte, 9 abr. 2008.)

Com base nas informações dadas acima e considerando essas duas manchetes de jornal,

INDIQUE:

- a) os pressupostos que delas se depreendem;
- b) os marcadores lingüísticos responsáveis pela instauração desses conteúdos implícitos.

a) *Na primeira manchete, há o pressuposto de que a Petrobrás já foi vítima de outros furtos, acontecidos anteriormente. No segundo, o pressuposto é de que anteriormente não havia risco de uma epidemia de dengue em BH.*

b) *Na primeira manchete, o marcador lingüístico responsável pelo pressuposto é “novos”. Na segunda, o termo é “vira”.*

(Exemplo II)

Leia a tira a seguir e responda em seguida às perguntas:



- a) A história contém no total cinco falas. Transcreva aquela que instaura o impasse do diálogo.
- b) O dono do bar propõe-se a satisfazer qualquer desejo dos clientes. Transcreva a frase que indica essa disponibilidade.
- c) O raciocínio que leva Eddie Sortudo a responder “OK. Vou querer isso” no segundo quadro não é totalmente insensato. Por quê?

a) *A resposta esperada era “Ok. Vou querer isso.”. É essa fala que evidencia o fato de a comunicação não ter se realizado de maneira eficiente. No entanto, de certa forma, a fala anterior (“Tudo o que quiser.”) também é responsável por instaurar o impasse, já que foi ela que não se fez clara para o interlocutor.*

b) *“Tudo o que quiser.” é a fala que mostra a proposição do dono do bar em satisfazer qualquer desejo dos clientes.*

c) *A fala “Ok. Vou querer isso.”, de Eddie Sortudo não é totalmente insensata porque, anteriormente, ele pergunta ao dono do bar o seguinte: “O que você tem?”. Então, é claro que Eddie esperava que a resposta fosse o nome de algum prato. Ou seja, o personagem confiou na ideia que lhe era subentendida, de que, em situações assim, o “garçom” diria o que ele tem.*



Adriano Alves
Professor de Gramática

ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

A alimentação é um dos fatores primordiais para somar os aprendizados, diminuir a indisposição, multiplicar a concentração e dividir os conhecimentos. O que você come reflete diretamente em sua vida acadêmica, inclusive nos resultados obtidos em suas provas.

A boa alimentação caracteriza-se pela inclusão dos alimentos ricos em nutrientes e redução no consumo de alimentos com alto teor de gorduras *trans* e saturadas, açúcares e doces sal e aditivos químicos (corantes, conservantes etc).

Se você já possui uma alimentação adequada, parabéns continue assim! Se não siga os conselhos da equipe COPE, bom apetite e ótimos estudos.

Lembre-se que a mudança na alimentação ou reeducação alimentar deve começar ainda durante os estudos e não apenas nos períodos de prova.

Faça 5 a 6 refeições por dia, com intervalo mínimo de 2 horas e máximo de 4. Não faça jejum e não pule nenhuma refeição, assim você mantém a glicose sanguínea normal e também o ânimo. Ao contrário, a hipoglicemia gera mal estar, tontura, dificuldade de raciocínio e dor de cabeça.

Coma devagar. Mastigue bem os alimentos. Saboreie as refeições. Repouse os talheres no prato entre cada garfada. Assim, a digestão é facilitada e não induz sono após as refeições.

Para controlar a ansiedade, recomenda-se a ingestão de alimentos ricos em triptofano, como leite semi desnatado e seus derivados, iogurte com baixo teor de gordura e queijo branco, além de castanhas e arroz integral.

As refeições devem conter todos os tipos de nutrientes contidos nos diversos grupos de alimentos.

NOS DIAS DE PROVAS

Prefira alimentos que são fontes de carboidratos como cereais e frutas e para hidratar água pura ou água de coco natural.

Prefira cereais e massas (pães, arroz, macarrão) integrais. Eles dão mais saciedade e são mais nutritivos que os refinados. Esses alimentos são fontes de carboidratos que são convertidos aos poucos em glicose, fonte de energia utilizada pelo cérebro.

Inclua castanhas, linhaça e peixe de água fria como salmão, atum, sardinha ou use suplementos de ômega 3, em seu dia a dia, pois auxiliam na memorização e concentração.

Evite fritura e alimentos gordurosos: toucinho, *bacon*, mortadela, cupim, pele de frango, creme de leite, maionese, etc. Estes alimentos são difíceis de serem digeridos por isso, causam sonolência, preguiça e falta de concentração.

Evite açúcar, doces, refrigerantes e chocolates, pois contém muitas calorias e poucos nutrientes, além disso, não contribuem no aprendizado.

Evite alimentos e bebidas industrializadas, pois contém muitos aditivos químicos que desregulam nosso metabolismo.

Use sal em quantidades reduzidas, pois este aumenta a retenção de líquidos. Prefira temperos naturais como: alho, cebola, limão, ervas e especiarias que garantem diversos benefícios à saúde e não contém calorias.

Beba, no mínimo, oito copos de água por dia. A boa hidratação é essencial para o bom funcionamento do organismo, inclusive o cérebro. Deve-se tomar pelo menos um copo de água por hora de estudo. A falta de água acarreta desidratação, ocasionando queda de rendimento, indisposição e até dores de cabeça.

CUIDADO: Não abuse do café ou outras bebidas que contenham cafeína, como mate, guaraná natural e bebidas energéticas. O uso excessivo destes pode prejudicar a concentração, aumentar a ansiedade gerar hiperatividade, atrapalhando seus estudos. A dose máxima recomendada são 2 xícaras pequenas de café ou 300 mg de cafeína, por dia.

A alimentação saudável auxilia no aprendizado, concentração e memorização, ajuda a ter um sono reparador, garantindo um melhor desempenho escolar e ainda mantém sua saúde em dia!

A CANÇÃO CRÍTICA NO BRASIL

Conceito de **Canção crítica**:

Segundo a historiadora da música Santuza Cambraia Naves, na passagem dos anos 1950 para a década seguinte, a canção se tornou o lugar “por excelência dos debates estéticos e culturais, suplantando o teatro, o cinema e as artes plásticas, que constituíam, até então, o foro privilegiado dessas discussões. Os compositores populares [...] passaram a comentar todos os aspectos da vida, do político ao cultural, tornando-se ‘formadores de opinião’. Esse novo estatuto alcançado pela canção contribuiu para que o compositor assumisse a identidade de **intelectual** num sentido mais amplo do termo” (2010, p. 19-20).

Desde esse contexto até hoje, a canção se tornou um meio fundamental para pensar o Brasil e as suas relações étnico-raciais, as ideologias, a nossa política, as condições históricas, as questões de gênero, as questões sociais etc. Conhecer a história da canção é também conhecer as histórias dos impasses do Brasil.

CANÇÃO CRÍTICA AO LONGO DO TEMPO:

Música de Protesto (Anos 1960)

O início da década de 1960 no Brasil, foi um período de enorme efervescência política. Nela podemos perceber a inauguração de Brasília (1960), a posse a renúncia de Jânio Quadros (1961), o plebiscito que garantiu o mandato de Jango como presidente (1963) e o golpe militar (1964). Essa mudança drástica de cenário, acabou por fazer com que a canção mudasse radicalmente sua temática. A Bossa Nova, da década anterior, era marcada por uma euforia nacional-desenvolvimentista. A **canção de protesto**, no entanto, assumiria uma postura política declarada. Esse gênero, desenvolvido durante da Guerra Fria (1947-91), adota um posicionamento político crítico cujo objetivo é a conscientização das massas a respeito das desigualdades sociais e problemas políticos do capitalismo. Exemplos desse gênero são canções como “**Zelão**”, de Sérgio Ricardo (1960); “**Ponteio**”, de Edu Lobo (1967); “**Pra não dizer que não falei das flores**”, de Geraldo Vandré (1968); “**Sabiá**”, de Chico Buarque e Tom Jobim (1968) etc. Esta é, sem dúvida, a primeira grande expressão da canção crítica no Brasil.

Ao longo dos anos 1960, as emissoras de televisão vão se profissionalizando no Brasil e buscando uma linguagem e uma programação nova. É nesse contexto que a **TV Record** de São Paulo vai se especializar numa programação musical. Dentre seus programas estão, “**O fino da bossa**”, “**Bossaudade**”, “**Jovem Guarda**”, entre outros. No entanto, os programas de maior sucesso eram os **Festivais**. Esses programas eram grandes competições musicais, cujo estilo musical privilegiado era a canção crítica.

BRock (Anos 1980)

Na década de 1980, com o barateamento dos discos, o mercado musical vai focar seus investimentos na difusão de uma música jovem (e que era consumida por indivíduos com menor poder aquisitivo). É nesse contexto que teremos a afirmação do **BRock**. Sob influência de bandas como Sex Pistols e Ramones, foram formadas diversas bandas punks no Brasil. Essa estética, de origem anglo-americana, visava se opor à sociedade de consumo e, no Brasil, se opôs ao Estado militar que se encontrava em decadência. A **crise econômica** e a **inflação**, a campanha pelas **Diretas Já!** (1983-84) e a permanência da **censura moral**, apesar do contexto de abertura política, foram responsáveis por um conjunto de bandas que expressavam um profundo **niilismo** e uma **desesperança** com os rumos da política nacional. Paralamas do sucesso, Legião Urbana, Titãs, Barão Vermelho, Ultraje à Rigor, entre outras, serão responsáveis por criar uma nova estética e uma nova concepção de crítica política.

A banda brasileira **Legião Urbana**, além das questões políticas, foi responsável por criar um conjunto de canções que tangenciavam as sociabilidades, as sensibilidades e as subjetividades dos jovens nos anos 1980. No campo da política, duas canções se destacam: “**Que país é este?**” (1987), que fala a respeito das contradições e das violências latentes no Brasil, e “**Faroeste Caboclo**” (1987), canção narrativa que apresenta a história do fictício João de Santo Cristo, espécie de anti-herói suburbano que enfrenta as contradições do Brasil como um país capitalista periférico.

Nova República (Anos 1990)

Os anos 1990 representam uma guinada completamente nova na música crítica no Brasil. Esse fenômeno está associado a três novos estilos musicais: o Rap, o Mangubeat e o Funk carioca. Com profundo caráter político, essas músicas vão nascer nas periferias das grandes cidades do Brasil e, pela primeira vez, são os jovens de periferia que irão falar de sua própria realidade.

A genialidade do disco “**Sobrevivendo no inferno**” (1997) é reconhecida tanto pelos rappers quanto pela crítica musical. Mais recentemente, o reconhecimento veio pelo tradicional **vestibular da Unicamp**, que escolheu o disco como obra literária para o processo seletivo de 2020.

O **Rap** é um gênero musical declaradamente político. Surgido no Bronx, subúrbio de Nova Iorque, o rap sempre se caracterizou por ser uma música marcada por uma discussão política a partir de questões como racismo, pobreza, desigualdade social, violência policial etc. Ao ser introduzido no Brasil, vai preservar os temas originais à medida que amplia as possibilidades musicais, incluindo misturas com os gêneros musicais brasileiros mais tradicionais, como o samba. A principal banda de rap brasileiro é, sem dúvida, os **Racionais MC's**, que lançaram o disco “**Sobrevivendo no inferno**” – considerado por muitos críticos um dos melhores álbuns brasileiros. Até hoje, o rap continua como uma música profundamente política, a partir de artistas como **Criolo**, **Froid** e **Baco Exú do Blues**, por exemplo.

Na década de 1990, a cidade do **Recife** (PE) era considerada, pela ONU, a quarta pior cidade do mundo para se viver. É na violenta periferia dessa cidade que teremos uma das mais inovadoras misturas musicais do século XX: o **Mangubeat**. Os **manguboys** eram jovens de periferia que misturavam o som que ouviam nas rádios – como o **hardcore**, o rap, o reggae – com aqueles que ouviam nas festas populares tradicionais – coco, afoxé e, sobretudo, o maracatu. O movimento alcançaria projeção nacional a partir do lançamento dos discos “**Da lama ao caos**”, de **Chico Science & a Nação Zumbi**, e “**Samba esquema novo**”, de **Mundo Livre S/A**, ambos de 1994, apresentando uma crítica social bastante sofisticada, mas, ao mesmo tempo, nada panfletária.

O fato da capital pernambucana ser uma das piores cidades do mundo motivou a criação da canção “**A cidade**”, de Chico Science & a Nação Zumbi. Veja um trecho:

“A cidade se encontra prostituída
Por aqueles que a usaram em busca de saída
Ilusora de pessoas de outros lugares
A cidade e sua fama vai além dos mares
No meio da esperteza internacional
A cidade até que não está tão mal
E a situação sempre mais ou menos
Sempre uns com mais e outros com menos

A cidade não para, a cidade só cresce

O de cima sobe e o de baixo desce

A cidade não para, a cidade só cresce

O de cima sobe e o de baixo desce”

Nas periferias e morros do Rio de Janeiro, desde 1970, os bailes Black – onde se tocava o funk americano – animavam a vida difícil daquelas populações. Esse ambiente vai se tornar um grande celeiro de inovações musicais que, ao longo dos anos 1980 e 90, produzirá um novo gênero musical: o **Funk carioca**. Misturando mixagens de DJs, sons de bateria eletrônica, um canto muito próximo da fala e letras dos mais variados matizes, o Funk carioca vai se espalhando para além dos seus redutos, alcançando a grande mídia e o sucesso nacional e internacional no início do século XXI. As letras das canções apontam para elementos diversos, mas sempre há espaço para a marca da canção crítica e política. Basta lembrar de canções de sucesso como “**Rap da felicidade (Eu só quero é ser feliz...)**” (1994), dos MC's Cidinho e Doca, ou de “**Rap do Silva**” (1995), de MC Bob Rum, que apesar da designação Rap, são funks bastante politizados apresentando uma nova visão dos homens da periferia, sobre seus desejos, impasses e conflitos sociais. Essa tradição é renovada mais recentemente, como se pode perceber com a canção “**100% feminista**”, de Mc Carol e Karol Conká (2016), que cita diversas mulheres – em sua grande maioria negras – que promoveram diversas conquistas políticas e sociais no Brasil.

MC Carol, em sua canção “**Não foi Cabral**” (2016), faz um revisionismo histórico. De maneira muito educada e respeitosa, a cantora afirma que vai discordar da professora no que se refere aos marcos da história do Brasil, como o explicitado no título do funk. Além disso, tributária da ideia de “colônias de exploração”, chama a atenção para o fato de que os colonos portugueses não traziam família “porque já sabia/ que ia matar vários índios”. Além de refletir sobre a dizimação indígena a partir da colonização a música ainda faz referência a Zumbi dos Palmares e sua companheira Dandara.

A história da canção no Brasil, como se pôde perceber, é marcada por uma grande diversidade de gêneros e estilos, revelando a enorme riqueza estética do país. No entanto, essas composições também nos permitem perceber que a música popular sempre foi um espaço de debate político por aqui. Desse modo, compreender a história da canção é compreender também as diversas maneiras como o Brasil e os brasileiros puderam resistir, refletir e se expressar, sem nunca perder a sua capacidade de cantar, tocar instrumentos e dançar.

Fontes bibliográficas:

NAVES, Santuza Cambraia. *Canção popular no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SOUSA, Rainer Gonçalves; BRUZADELLI, Victor Creti. *História da música popular brasileira para vestibulares e ENEM*. Goiânia: Kelps, 2017.



Victor Creti
Professor de História da Arte

ARTE CONTEMPORÂNEA

- Surge no pós-guerra
- Destrói o modelo acadêmico de arte
- Valoriza a ideia
- Provocativa
- Original

Novas linguagens

Performance

- Arte que combina elementos do teatro, artes visuais e música.
- O público (normalmente) não interfere na ação.
- Atuação do artista.
- Marina Abramovic (Questão ENEM 2015)
- Paulo Nazareth Mercado de Bananas (Questão ENEM 2013)

Happening

- Definição ALAN KAPROW anos 50.
- Espectador atua / participa diretamente da obra.
- Não há texto prévio.
- Forma de apresentação não-linear
- Não apresenta começo / meio / fim.
- WESLEY DUKE LEE

Instalação

- Influência do Dadaísmo (Ready - mades) (A FONTE-DUCHAMP).
- Elementos organizados pelo(a) artista (Num ambiente)
- Objeto
- Cildo Meirelles Babel
- Cildo Meirelles Intervenções em circuitos ideológicos
- Ernesto Neto Instalação DENGO (Questão ENEM 2017)

Intervenção

- Geralmente utilizada em áreas urbanas.
- Alteração do espaço público.
- Interação com objeto existente.
- COLETIVO BOA MISTURA

Propostas e conceitos

Efemeridade

- A arte contemporânea é feita, muitas vezes, para ser destruída ou desmontada. [TEATRO MÁGICO \(Questão ENEM 2018\)](#)

Imaterialidade

- A obra de arte pode ser um vídeo; uma apresentação; uma visita a um ambiente não sendo, necessariamente um objeto (quadro, escultura) dotado da AURA [INSPIRAÇÃO NO LIXO \(Questão ENEM 2017\)](#)

Conceitual

- Valoriza a ideia e desmaterializa a arte o fazer / pensar artístico são mais importantes que a obra em si. [STEPHEN LUND \(Questão ENEM 2018\)](#)

Reflexiva

- Propõe a quebra de valores tradicionais não é cotidiana [RAUSCHENBERG \(Questão ENEM 2017\)](#) [FLÁVIO DE CARVALHO \(Questão ENEM 2017\)](#)



Consuelo
Professor de Arte

O NEXUS AGORA É COPE nexus



Pedro Arquimedes - Medicina UFU

Ana Vitória Rocha - Medicina UFG

#EscolhaVencer

DE UM LADO UM COLÉGIO DE RECONHECIDA QUALIDADE EM GOIÂNIA,
DO OUTRO, UM COLÉGIO DE QUALIDADE RECONHECIDA EM ANÁPOLIS.
O NEXUS AGORA É COPE NEXUS. QUALIDADE EM DOBRO.

COPE nexus

62 3387-4949

Av. Miguel João, 295 - Anápolis - GO
grupopreparaenem.com.br